

RELIGIÃO E MUSICOTERAPIA: O USO DE MÚSICA GOSPEL NA SALA DE ESPERA COM PACIENTES PORTADORES DE CÂNCER

*Eliete Quixaba Ferreira**

Desde os primórdios, a religião é uma manifestação importante na vida das pessoas que a cultuavam. Mas de onde vem a vontade, a necessidade de cultuar Deus ou deuses? Existem várias maneiras de explicar o que é religião ou mesmo diferentes maneiras que levam os indivíduos a acreditar que existe algo superior que rege os destinos da humanidade. Mas não é possível saber com precisão quando o homem começou a falar de religião, esse é um dos mistérios do passado que prevalece nos dias atuais. Algumas religiões buscam comprovar a existência de Deus como fonte inspiradora para ajudar seus fiéis que necessitam de estímulos para solucionar problemas de saúde. Mas o que significa a palavra Religião?

Afirma Irineu Wilges que “O fenômeno religioso é universal. Em todos os tempos, lugares e povos, encontramos o fenômeno religioso”. Esta afirmação é atestada pela Etnologia e pela história das religiões. O mesmo autor menciona o pensamento do filósofo Cícero quando ele explica que o sentido etimológico da palavra Religião vem de *re-ligere* (reler) considerar atentamente o que pertence ao culto divino, ler de novo ou então reunir, reconhecer.

Wilges¹ aponta o pensamento de alguns pensadores sobre Religião: Cícero: “Não há povo tão primitivo, tão bárbaro, que não admita a existência de deuses, ainda que se engane sobre a sua natureza”; Plutarco: “Podereis encontrar uma cidade sem muralhas, sem uso de moedas como dinheiro, sem cultura das letras. Mas um povo sem Deus, sem oração, sem juramento, sem ritos religiosos, sem sacrifícios, tal nunca se viu”; Jung: “Entre todos os meus pacientes de mais de trinta e cinco anos não há nenhum cujo problema não fosse o da religião com a religião”. A raiz da enfermidade de todos está em terem perdido o que a religião deu a seus crentes, em todos os tempos; e ninguém está sendo curado enquanto não tiver atingido, de novo, o seu enfoque religioso”.

Ele buscou nos ajudar a compreender, através de sua experiência com portadores de algumas patologias, que o sentimento religioso vive arraigado em algumas pessoas, por isso, afirmou que o ser humano necessita da fé para melhorar, seu estado de saúde, suas doenças. Portanto, para Jung “Podemos também entender que não há uma definição concreta sobre o fenômeno religioso na vida das pessoas, pois existem elementos constitutivos da religião, que perpassa as pesquisas sobre o assunto, mas tornar-se visível ao conhecimento humano ou palpável, através da concretização da fé humana, buscando solucionar algum tipo de enfermidade”.

Algumas religiões, ensinando o que está certo, possuem elementos condutores para a realização da celebração. Entre os elementos mais conhecidos temos a doutrina (crença, dogma) que busca explicar a origem da vida, sobre a dor, a matéria e o além. Esta doutrina possui sua fonte geradora de conhecimento.

* Eliete Quixaba Ferreira-mestranda em Ciências das Religiões pela Faculdade Unida de Vitória, ES. Graduada em Teologia e Educação Artística/ Música pela universidade federal do Piauí-UFPI-PI, contato: eleietequixaba@hotmail.com.

¹ WILGES, IRINEU. *Cultura Religiosa: As Religiões do mundo*. Petrópolis, 6 Edição. Vol. Vozes, 1985.

Dentre os elementos considerados como condutores podem ser citados os Ritos (cerimônias) - através deles a comunidade se une; a Ética (leis), logicamente cada religião traz consigo as consequências da sua doutrina, ensinando o que está certo ou errado dentro de sua Cosmovisão; a Comunidade: quem está convencido de uma crença, sente-se irresistivelmente atraído para os seus coirmãos e quer manifestar a sua fé junto com eles; EU – TU: toda religião inclui uma atitude do Eu- tu, um relacionamento interpessoal. Tem-se, portanto que Religião não é, em primeiro lugar, doutrina, rito, lei - mas relação pessoal com Deus.

Além da Fé, sabe-se que a música sempre esteve presente na vida religiosa do ser humano e também era utilizada por curandeiros para curar algumas enfermidades, desde os primórdios. Era, também, utilizada para aflorar as emoções.

A Música possui a capacidade de desencadear sentimentos emocionais em alguns indivíduos que a ouvem, dependendo do conteúdo da poesia ou do instrumento que está sendo tocado. Então, a percepção musical de cada indivíduo envolve muitas áreas encefálicas, influenciando todo o corpo.

Segundo o precursor da musicoterapia na América Latina Dr Benezon, “O ser humano não é corpo e mente ou corpo mais mente, nem psique e soma ou psique e alma, nem matéria e espírito; é um todo, entre todas as especialidades da medicina integrativa, a Musicoterapia utiliza elementos abstratos que não se veem e que somente se percebem com o transcorrer do tempo, ela é a técnica que mais se dirige à totalidade do indivíduo, sendo que a utilização de algumas de suas técnicas em portadores de alguma doença ajuda na reabilitação e autoestima dos mesmos”.

De acordo com Benezon, “O valor humano é um dos instrumentos sonoros mais importantes, tanto como reprodutor quanto criador de estímulos. É reprodutor não só dos sons da natureza, mas também um exteriorizador da sua sonoridade interior e um criador da conjugação de ambos”².

Por isso, a execução de músicas ou algum tipo de som ajuda o enfermo a conviver bem com sua doença, quando está ocorrendo uma sessão de musicoterapia. Às vezes, sendo trabalhada a técnica de improvisação, percebe-se notoriamente o desencadeamento de sentimentos: de alegria pelo que expressa, ou sentimento de desculpas por algo que não considera bom para ele ou a seus redores. Isso é comprovado pelo pesquisador e médico Oliver Sacks, que explica como a música, ao ser ouvida, reage na memória.

Segundo Sacks, a música - para a maioria de nós - é uma parte significativa e em geral agradável da vida. Não falo só da música externa, a que ouvimos com nossos ouvidos, mas também da música interna, a que toca em nossa cabeça.

Às vezes, a imaginação musical normal transpõe um limite e se torna, por assim dizer, patológica, como quando determinado fragmento de uma música se repete incessantemente por dias a fio e às vezes nos irrita. Ouvir música chama³ nossa atenção, ensina-nos sobre sua estrutura e seus segredos, independentemente de a ouvirmos de modo consciente ou não. Isso ocorre mesmo se nunca tivermos ouvido determinada música. Ouvir música não é um processo passivo e sim intensamente ativo, que envolve uma nova música- como ela é construída, para onde está indo, o que virá em seguida - com tanta precisão que, mesmo depois de apenas alguns compassos, poderemos ser capazes de cantarolar ou cantar junto com ela.

No Piauí, a pioneira em trabalhar na área de saúde com musicoterapia foi a musicoterapeuta Nídia do Rego Monteiro. Após desenvolver trabalhos em hospitais de Teresina e na sua própria clínica, sentiu a necessidade de formar mais pessoas na área de musicoterapia, por acreditar no benefício que a musicoterapia iria trazer pacientes com Câncer, no enfrentamento da doença, melhorando sua convivência na família e consigo mesmo.

² BENENZON, Roland. *Teoria da musicoterapia*. Rolando O. Benenzon; {Tradução de Ana Sheila M. de Uricoechea. São Paulo: Summus, 1988.

³ BENENZON, 1988, p. 30.

A ideia de implantar o Curso de Musicoterapia em Teresina - Piauí surgiu na Universidade Federal do Piauí, que na época tinha como coordenador do Curso de Música o Dr. João Berchmans, que a apoiou totalmente.

O estágio, quando chegou o período, foi realizado no Hospital São Marcos - referência em Câncer no Estado do Piauí. Optou-se por realizar estágio naquele local por ser na época o único na capital que tinha como exclusividade o tratamento do câncer e pela abertura ao novo que o hospital propiciava. O hospital já estava buscando desenvolver um trabalho multidisciplinar com os pacientes, que ficavam esperando na ordem de chegada para receberem seus medicamentos.

Percebia-se que muitos pacientes gostavam de músicas conhecidas, como músicas religiosas. Antes de iniciar o tratamento ocorria uma pequena entrevista com várias questões diversificadas, na qual, dentre os itens, havia o questionamento sobre a religião do entrevistado/paciente.

Alguns respondiam que eram evangélicos, outros católicos, não importava qual matriz religiosa frequentavam - o importante era ouvir músicas que falassem de Deus naquele momento. Uma das músicas mais solicitadas era “Cura-me senhor”, do Padre Antônio Maria.

A letra da música transmite uma súplica de cura para o ouvinte. Ela transforma-se num paliativo para a dor de cada um que a escuta.

Naquela situação, era perceptível que alguns pacientes só necessitavam ouvir letras de músicas religiosas que estivessem dialogando com Deus e falando de paz, cura ou algo semelhante.

Por meio dessa pesquisa, sabe-se que a capacidade de autocura do ser humano está diretamente ligada também a crenças religiosas, à fé e à música quando ela atinge os sentimentos.

REFERÊNCIAS

AGNOLIN, Adone. *História religiões: Perspectiva histórica-comparativa*. Adone agnolin. São Paulo: Paulinas.2013 (Coleção repensando a religião) II. Série

BENZON, Rolando. *Teoria da musicoterapia/ rolando o. Benenzon;*{Tradução de Ana Sheila M. de Uricoecheal}._São Paulo: Summus, 1988

COSTA. Clarice moura. *O Despertar par o outro: musicoterapia / Clarice moura costa*. São Paulo: Sumus,1089

SACAKS. Oliver *Alucinações musicais: relatos sobre a música e o cérebro/ Oliver Sacks; Laura. Teixeira Motta* São Paulo: Companhia das Letras.

WILGERS. Irineu. *Cultura religiosa: As Religiões do mundo*. Petrópolis_Vozes 1985; 6º edição